



A IMPORTÂNCIA DA INTERSECCIONALIDADE COMO DIRECIONAMENTO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO PIBID

Ingred Rodovalho e Silva
(Universidade Estadual de Goiás – UEG)

Paula Viviane Chiés
(Universidade Estadual de Goiás – UEG)

144

RESUMO

Introdução: Na perspectiva da Educação Física escolar (EFE), a interseccionalidade tem sido essencial para desconstruir práticas hegemônicas, promovendo um currículo inclusivo. **Objetivo:** o estudo discutiu a importância da interseccionalidade como referencial de análise e direcionamento teórico-crítico para o planejamento e intervenções pedagógicas do PIBID. Com a didática crítica intercultural, o PIBID/EF tem desenvolvido intervenções pedagógicas com turmas dos anos iniciais do ensino fundamental, utilizando jogos e brincadeiras regionais, de matrizes africana e indígena. **Materiais e métodos:** o estudo, de caráter qualitativo, foi desenvolvido com a análise dos planos de aula e observações sistemáticas das intervenções do PIBID no primeiro semestre de 2025. A construção, a organização e a análise das informações coletadas passaram pela Análise do Conteúdo. **Resultados:** identificou-se, por parte dos/as estudantes, uma competição exacerbada, reflexos da desigualdade de gênero, uma resistência com atividades de matriz indígena, no entanto, no decorrer das intervenções, houve menor resistência às atividades diversificadas. **Conclusão:** a interseccionalidade mostrou-se essencial para repensar práticas pedagógicas, capazes de confrontar hierarquias, e valorizar culturas marginalizadas, contribuindo para uma educação mais equitativa e crítica.

PALAVRAS-CHAVE: PIBID; Interseccionalidade; Educação Física escolar; Didática crítica intercultural.

INTRODUÇÃO

A interseccionalidade, um conceito criado por Kimberlé Crenshaw na década de 1980, jurista e intelectual estadunidense, revela como marcadores sociais, tais como gênero, raça/etnia e classe, se entrelaçam e são capazes de produzir dinâmicas de opressão. Segundo a autora, os sistemas opressivos não atuam de forma isolada, mas se entrecruzam, criando consequências estruturais de discriminação e exclusão. A partir desse conceito, é possível dialogar diretamente com a proposta pedagógica da didática crítica intercultural (Candau, 2023) em que se defende uma prática pedagógica ciente das diferenças culturais, ao mesmo tempo, atenta às desigualdades



estruturais no contexto educacional. Nesse sentido, considerando que a EFe não se limita apenas ao movimento dos corpos (Altman, 2015), mas envolve múltiplas dimensões formativas, é fundamental trabalhar as demais dimensões de conteúdo, como as cognitivas, sociais, afetivas e culturais (Darido, 2012). Essa abordagem ampliada permite que a prática pedagógica não apenas reproduza habilidades motoras, sobretudo, problematize as relações de poder, as identidades e desigualdades que atravessam o cotidiano escolar e social, alinhando-se, assim, aos objetivos das perspectivas interseccional e intercultural.

Mesmo que na EFe os conteúdos sejam baseados na cultura do movimento, expressões corporais e manifestações de grupos minoritários ou de outras culturas raramente são incorporadas como objeto de estudo ou reflexão pedagógica. De modo que essa desigualdade é frequentemente vista como um obstáculo à prática docente e à desconstrução dos valores hegemônicos já consolidados no contexto escolar (Basei; Leães Filho, 2008). A interseccionalidade, enquanto perspectiva teórica, elucidada a forma como marcadores sociais se entrelaçam nas experiências educacionais. Então, na EFe, essa abordagem é fundamental para promover um currículo inclusivo capaz de desafiar práticas hegemônicas.

A partir da articulação entre inclusão, interseccionalidade e marcadores sociais da diferença (Basei; Leães Filho, 2008), busca-se refletir sobre como os processos de exclusão e marginalização ocorrem no cotidiano escolar, evitando uma visão fragmentada e adotando abordagem que considere múltiplas opressões que se cruzam na vida dos/das estudantes. Assim, é possível observar a maneira que as desigualdades se manifestam nas práticas pedagógicas, revelando a necessidade de um planejamento educacional que considere as sobreposições entre racismo, sexismo e outras formas de marginalização: “Nessa esfera, nota-se a discussão da interseccionalidade como pauta elementar e necessária nas práticas político-pedagógicas de professores(as) de EFe” (Mont Alverne; Brito; Maldonado, 2024).

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo (Marconi; Lakatos, 2022), conduzido pela análise do processo de planejamento didático (objetivos, conteúdos, metodologias e avaliação), intervenções (planos de aula) e discussões nas reuniões com o grupo de integrantes do PIBID/EF, em que todos os processos foram amparados pela proposta pedagógica da didática intercultural (Candau; Leite, 2007; Candau, 2023). Através das intervenções foram realizados jogos e brincadeiras como



estratégias pedagógicas embasadas no currículo cultural (Neira, 2020). Essas ações foram desenvolvidas com turmas dos anos finais do Ensino Fundamental, em três etapas: jogos de invasão (Salve Bandeirinha Adaptado); jogos de cooperação (Queimada em Blocos); brincadeiras de matriz africana (Amarelinha Africana); e indígena (Peteca). As duas primeiras etapas fizeram parte de um estudo exploratório inicial, ainda como avaliação diagnóstica das turmas em relação ao comportamento frente a práticas competitivas, e que também exigisse trabalho em equipe para a cooperação. Já na terceira etapa implementou-se atividades pedagógicas de práticas corporais de matrizes africana e indígena, o que condiz à proposta inicial das ações do PIBID/EF no planejamento do 1º. semestre de 2025.

A observação sistemática (Marconi; Lakatos, 2022) das intervenções foi organizada pela análise dos seguintes pontos: 1) Planejamento de aulas a partir da didática proposta, dialogando com o conceito de interseccionalidade; 2) ajustes metodológicos para a inclusão das diferenças, sob diferentes origens e contextos, sejam culturais, níveis de habilidades, interesses, gêneros, dentre outros; 3) Avaliação diagnóstica feita com os/as alunos/as no início e ao final de cada atividade. Enquanto a construção, a organização e a análise das informações coletadas passaram pela Análise do Conteúdo (Bardin, 2009).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após cada atividade, em momentos de debate no grupo PIBID, foram relatadas algumas adversidades entre os/as alunos/as, tais como competitividade excessiva, dificuldades na cooperação e interações desiguais de gênero dessa forma, foi possível analisar as dinâmicas sociais e adaptar as práticas pedagógicas para torná-las capazes de promover reflexões sobre inclusão, interseccionalidade e interculturalidade. Especificamente no PIBID/EF essa escolha e direcionamento foram efetivados através de conteúdos práticos: como a Amarelinha Africana e Peteca, que buscam decolonizar o currículo à medida que problematiza estereótipos e amplia o repertório cultural dos/as estudantes. Em suma, a interseccionalidade não apenas denuncia essas opressões, mas também orienta a construção de estratégias educacionais que valorizem saberes plurais capazes de contestar hierarquias hegemônicas.

As turmas manifestaram interesse por práticas corporais dinâmicas como, por exemplo, jogos de invasão. No entanto, em jogos ou brincadeiras cooperativas, as turmas demonstraram dificuldade em formular e aplicar estratégias coletivas no desenvolvimento de suas ações. Para



permanecer com a proposta da interculturalidade e da participação ativa de todos e todas, houve a tentativa de controlar a competição exacerbada, favorecendo a participação de um aluno com TEA, além de outros/as alunos/as que não gostam de atividades com contatos físicos, ou mesmo, evitar situações de práticas competitivas extremas. Vale ressaltar que a turma de 5º ano teve maior dificuldade de interação entre os gêneros, por exemplo, em uma atividade anterior, um dos alunos indicou que as meninas estavam “fora do ritmo”, podendo-se sugerir que esse aluno realmente estava assimilando a prática culturalmente “generificada” como feminina, e se posicionando criticamente sobre ela.

Há a necessidade de superar visões simplistas sobre diferenças, assim, a escola precisa enfrentar não apenas as hierarquias culturais, mas também as dinâmicas de poder relacionadas a raça/etnia, classe e outros marcadores sociais (Candau; Leite, 2007; Candau, 2023). Além disso, Neira (2020) promove uma pedagogia atenta às diferenças, que enfatiza a importância de uma abordagem pautada na desconstrução de estereótipos e na valorização ativa das culturas corporais marginalizadas. Diante disso, a interseccionalidade demanda uma “sensibilidade analítica”, principalmente ao refletir sobre a realidade e os diferentes marcadores sociais que influenciam no contexto social. Somada a essa perspectiva, ressalta-se o horizonte intercultural da educação, que evidencia as identidades marcadas por múltiplas formas de opressão que se sobrepõem e se reforçam mutuamente (Cortes; Pereira, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a EFe, a interseccionalidade tem sido fundamental para compreensão da diferença nas expressões da cultura corporal, pois esse campo de estudo investiga como os marcadores sociais influenciam a vida das pessoas. Sendo assim, a observação sistemática permitiu identificar não apenas a adaptação dos jogos e brincadeiras às diferenças individuais, mas também como estruturas sociais mais amplas se manifestam durante as dinâmicas. A título de exemplo, a Amarelinha Africana não apenas resgatou saberes ancestrais, mas também evidenciou como a valorização de matrizes culturais não hegemônicas pode desafiar hierarquias estabelecidas no espaço escolar. Através do cruzamento desses marcadores surge a necessidade de proposição de ambientes inclusivos, de forma que garanta uma educação de qualidade e, verdadeiramente, equitativa.



REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALTMANN, H. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo**. São Paulo: Cortez, 2015.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BASEI, A. P.; LEÃES FILHO, W. Educação Física escolar na busca de interlocuções: re-pensando a formação de professores para uma educação intercultural. **Revista iberoamericana de educación (Impresa)**, v. 46, n. 7, p. 1–13, 25 jul. 2008.

CANDAU, V. M.; LEITE, M. S. A didática na perspectiva multi/intercultural em ação: construindo uma proposta. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 731–758, 2015.

CANDAU, V. Didática Crítica Intercultural e Decolonial: uma perspectiva em construção. In: LONGAREZI, A. M.; PIMENTA, S. G.; PUENTES, R. V. (Orgs). **Didática crítica no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2023, pp. 208 a 231.

CORTES, S. G. de O.; PEREIRA, M. C. Rumos da pesquisa brasileira em Educação Física escolar e a interseccionalidade. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 28, p. 1-16, 2024.

CRENSHAW, K. “Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics”. **The University of Chicago Legal Forum**, n. 140, p. 139-167, 1989.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171–188, jan. 2002.

DARIDO, S. C. A avaliação da educação física na escola. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 127-140, v. 16.

FONSECA, M. de S. da F. *et al.* Inclusão, interseccionalidade e marcadores sociais da diferença. **Corpoconsciência**, v. 28, 2024.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. Rio de Janeiro: Atlas, 2022.

MONT ALVERNE, A. L. do N.; BRITO, L. T. de; MALDONADO, D. T. Interseccionalidade e Educação Física Escolar: a subjetivação da inter-relação dos marcadores sociais das diferenças no componente curricular. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 46, 2024.

NEIRA, M. G. A abordagem das diferenças no currículo cultural da Educação Física. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 10, p. 39–56, 2020.